

ECONOMIA

Economia - Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Compras externas alcançam US\$ 7,6 bilhões em agosto, aumento de 36,5% sobre igual período do ano passado. No acumulado de 12 meses, exportações somam US\$ 40,1 bilhões, outro resultado inédito

Importação bate recorde histórico

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O surpreendente crescimento da economia já se reflete nas importações. As compras de produtos no exterior, especialmente de maquinários e matérias-primas, totalizaram, em agosto, US\$ 7,676 bilhões, valor sem precedente para um único mês na história do país. Em relação a julho, as importações — beneficiadas, sobretudo, pela queda de mais de 20% nos preços do dólar desde o início do ano — aumentaram 26,9%. Sobre agosto de 2004, o crescimento atingiu 36,5%.

Apesar do resultado recorde, a aquisição de mercadorias no mercado internacional está longe de fazer frente às exportações, cujo fôlego se mantém firme, mesmo com a gritaria do empresariado de que as baixas cotações do dólar estão matando seus negócios. No mês passado, as vendas externas somaram US\$ 11,3 bilhões — novo recorde histórico. Quando comparado a julho, esse resultado foi 2,59% maior. Frente a agosto de 2004, as exportações tiveram incremento de 25,31%.

Em meio a tantos recordes anunciados ontem pelo Ministério do Desenvolvimento, nenhum chamou tanto a atenção quanto o saldo da balança comercial no acumulado dos últimos 12 meses, de US\$ 40,1 bilhões. Quando comparado ao superávit registrado nos 12 meses imediatamente anteriores, o aumento foi de 27%. "Esses números mostram que o país entrou em um caminho sem volta. Mesmo com as importações crescendo, o que é muito bom para a economia do país, as exportações são prioridade", disse Armando Meziat, secretário-interino de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento.

Contra pessimistas

Entre janeiro e agosto, o Brasil exportou US\$ 76 bilhões, 24% a mais que no mesmo período do ano passado. Já as importações somaram US\$ 47,7 bilhões, com crescimento de 21%. Em 12 meses terminados em agosto, as vendas externas totalizaram US\$ 111,2 bilhões e as importações, US\$ 71 bilhões. Diante desses números, o governo já começou a rever as projeções para a balança comercial deste ano. Segundo Meziat, é certo que a meta de exportações de US\$ 112 bilhões será superada, assim como superávit de US\$ 38 bilhões. As novas estimativas serão divulgadas em, no máximo, três semanas.

Com as exportações e as importações em alta, o Brasil caminha a passos largos para bater a marca de US\$ 200 bilhões

em sua corrente de comércio, isto é, a soma das exportações com as importações. Quanto maior for essa corrente, mais estáveis ficarão as cotações do dólar e menos vulnerável ficará o país diante de choques interna-

cionais. Nos últimos 12 meses, a corrente do comércio brasileira totalizou US\$ 182 bilhões, já se aproximando de 30% do Produto Interno Bruto (PIB). É essa relação que mostra o grau de abertura da economia do país. Quan-

to maior, melhor. Em 2004, a corrente de comércio representou 26,4% do PIB.

Os recordes da balança levaram o presidente Lula ao delírio. Depois do crescimento "jóia" do PIB, ele atacou os "empresários

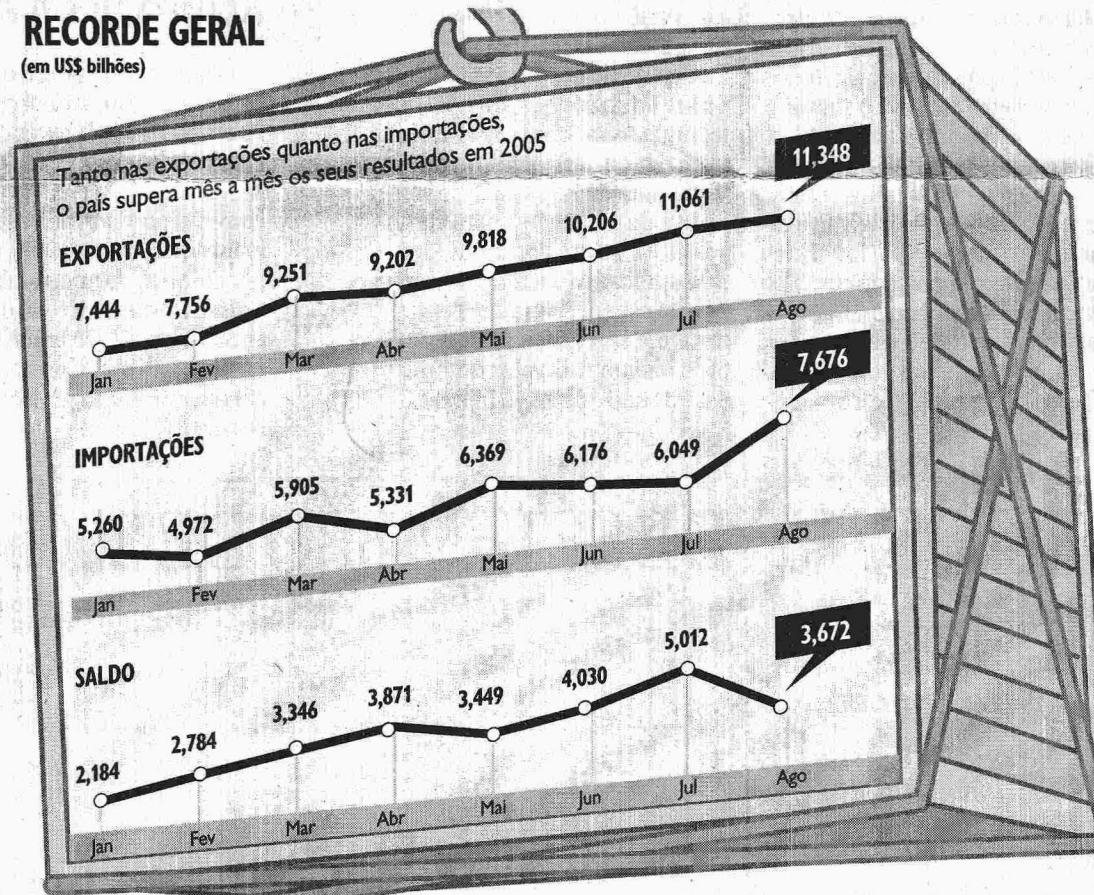
Paulo Whitaker/Reuters/8.9.04



APESAR DAS RECLAMAÇÕES DE EMPRESÁRIOS EM RELAÇÃO AO DÓLAR BAIXO, EMBARQUE DE MERCADORIAS PARA O EXTERIOR CONTINUA A CRESCER

RECORDE GERAL

(em US\$ bilhões)



pessimistas" que ficam reclamando do dólar baixo. "Fico imaginando o Skaf (Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, que estava presente à solenidade de assinatura do projeto de lei que altera o Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência, na qual Lula falou) pensando: imagina se o câmbio estivesse nuns R\$ 2,70, R\$ 3, como é que seria melhor?", questionou o presidente, ressaltando que o forte aumento das importações "não é nada ruim para o país". Lula disse mais: "As coisas estão indo do jeito que precisam ir: com cuidado, com cautela".

Ajuda mundial

Na avaliação do presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, o excelente resultado da balança comercial brasileira decorre do bom momento vivido pela economia mundial.

"O cenário econômico mundial de hoje é um dos melhores de todos os tempos, o que tem propiciado ao Brasil boas oportunidades para incrementar suas exportações e obter crescimento econômico. Historicamente, entre Estados Unidos, Europa e Ásia, pelo menos um dos três capengava. Hoje, as três regiões estão com nível de avanço e prosperidade extremamente favorável ao Brasil e a outros países emergentes", disse.

BC perde R\$ 11,6 bi

Se o dólar baixo não está afetando a balança comercial, no Banco Central, acusado de ser o responsável por manter os preços da moeda americana em baixa ao praticar as mais altas taxas de juros do mundo, o estrago é geral. No primeiro semestre do ano, o BC registrou prejuízo de R\$ 11,6 bilhões, rombo que terá de ser coberto pelo Tesouro Nacional por meio da emissão de títulos, no máximo, até janeiro do ano que vem. Nos seis primeiros meses de 2004, o BC lucrou R\$ 2,8 bilhões, que foram transferidos para os cofres do Tesouro, como determina a lei.

Segundo o chefe do Departamento de Administração Financeira do BC, Jefferson Moreira, as perdas vieram das reservas cambiais, recursos que o Brasil tem depositado no exterior para intervir no mercado do dólar, em momentos de crise, e para garantir o pagamento de dívidas. Como as cotações da moeda americana despencaram cerca de 15% entre janeiro e junho, mesmo o BC recebendo juros dos títulos públicos depositados em sua carteira, o saldo final foi negativo.

Dívida pública

Pelo balanço divulgado ontem, o BC tem R\$ 163,5 bilhões em ativos depositados no exterior. Desse montante, R\$ 60 bilhões estão depositados em bancos fora do país, R\$ 86,6 bilhões estão aplicados em títulos dos países mais ricos do mundo — sobretudo, dos Estados Unidos —, R\$ 10 bilhões são referentes a participações em organismos financeiros internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), e R\$ 1,1 bilhão está investido em ouro. Em ativos em moeda nacional, o BC dispõe de R\$ 350,4 bilhões, dos quais R\$ 316,9 bilhões em títulos públicos.

Na avaliação de Moreira, o resultado do BC não deve ser visto de forma isolada. Se, por um lado, a instituição perdeu com a queda do dólar, o Tesouro Nacional ganhou com a redução da dívida externa. É por isso que os prejuízos do BC não impactam a dívida pública líquida, que é olhada pelos investidores na hora de medir a capacidade de pagamento do país. O rombo do BC só aparece na dívida bruta, que já passa de R\$ 1,2 trilhão. (VN)